CULTURA

DIRETOR RESP. — O DIRETOR DO COLÉGIO

GERENTE — WILSON DE ANDRADE ÁVILA

Órgão dos alunos do Colégio Valenciano «São José»

— Registrado sob. o n. 4 de acordo com o Decreto n. 18.542 —

ANO 4

Marquês de Valença, 28 Outubro de 1949

NÚMERO 33

Tolle et lege

MONSENHOR TOMÁS TEJERINA

Lembro que, quando nos primeiros anos de semiário íamos de férias, encontrávamos, numa estação em que devíamos baldear, um velho cego, vendedor de jornais, que gritava a pleno pulmão: Hay que leer Srs! Quem no lee no sabe. Que bien parece un hombre con un papel y que mal parece sin él!?

Hoje, este grito da necessidade de ler é repetido a todas as horas, em todos os tons e formas possíveis: é a revista ilustrada ou o romance de aventuras que tanta influência exercem na mocidade, principalmente; é o livro barato e mensal; é o folhetim que, frequentemente, chega sem saber quem o envia; é o jornal ou o jornalzinho que com grandes «Manchetes», comumente de coisas banais, procura despertar a natural curiosidade de todos nós.

Que despertar interesse pela leitura seja coisa boa, quem poderá negar? A leitura é para a alma o que o alimento é para o corpo. E assim como despertamos o apetite para nos alimentar, devemos também fomentar o desejo de ler e saber.

Uma diferença notável observamos na maneira de satisfazer estes dois apetites: o de comer e o de saber. Por uma parte, notamos essa preocupação, muito justa e necessária, pela escolha dos alimentos; devem ser saudáveis, nutritivos, não devem oferecer qualquer perigo de intoxicação; para isto criou-se uma ciência: A Dietética e uns doutores, os dietéticos, encarregados de velar pela saúde do corpo. Porque não completar a obra, criando uma ciência die-

tética da leitura e uns doutores que examinem as leituras, proíbam as más, multem os livreiros que expõem ou vendem idéias venenosas e até fechem as editoras envenenadoras?

Será que a alma merece menos cuidados que o corpo? Será que esquecemos o velho aforismo de «Mens sana in corpore sano»?

Os que estamos à testa de colégios observamos o seguinte: O regulamento proíbe a leitura de jornais ou revistas nocivas à formação dos jovens, como Gibi, X-9, romances de crimes ou aventuras, etc, etc. Os pais dos alunos deviam ser os primeiros a auxiliar nesta campanha contra a má leitura; porém o que verificamos é que muitos pais trazem, meio escondidos, para que a direção não perceba, esses mesmos folhetins para seus filhos, porque, coitadinhos, precisam distrair-se.

Depois quando, ao aproximar-se o fim de ano, vem a possibilidade de uma reprovação, vêm os lamentos, os pedidos, para que se aperte ao menino, porque está muito crescido e não pode perder ano; a mais de que a vida está difícil e é com sacrifício que o mantemos no Colégio.

Que inconsequência!

O aluno, naturalmente, é a mamãezinha que trouxe, devora, às escondidas, no estudo, na sala de aula, ou nos cantos dos recreios, o pernicioso folhetim que lhe envenena a alma e o incapacita para um estudo sério. A isto, ao menos em grande par-

(Conclui na 2ª página)

Tolle et lege

(Conclusão da 1a. página)

te, se deve esse descenso vertiginoso na cultura de nossos jovens, sem que sirva para nada o argumento de que se lê muito, de que cada ano aparecem novos colégios, de que todo fim de ano saem milhares e milhares de novos bachareis.

Cada «Bacharel» que *topamos* por aí!

A mocidade não quer nada com leituras sérias, clássicas pelo conteúdo e pela forma, nada com leituras verdadeiramente formativas, de estilo apurado e argumento sério.

Pode contar centenas de alunos do curso secundário que não leram um canto de Camões, nem uma página de Vieira, nem um discurso de Rui ou de Nabuco, sem falarmos das obras primas da literatura estrangeira, das quais guardam a mais doce ignorância.

Centenário de Rui! que vale isto comparado com o próximo campeonato mundial de Futebol?

A questão do ensino

Rui Barbosa

A nosso ver a chave misteriosa das desgraças que nos afligem é esta e só esta: a ignorância popular, mãe da servilidade e da miséria.

Eis a grande ameaça contra a existência constitucional e livre da nação; eis o formidável inimigo, o inimigo intestino, que se asila nas entranhas do país.

Para o vencer, releva instaurarmos o grande serviço da «defesa nacional contra a ignorância» serviço à cuja frente incumbe ao Parlamento a missão de colocar-se, impondo intransigentemente à tibieza dos nossos governos o cumprimento de seu supremo dever para com a pátria.

Pertencendo ao continente americano, temos tido até hoje a desdita de acharmos-nos completamente fora do ambiente das idéias que têm sido o segredo da preservação e da grandeza da heróica república do norte, cuja civilização deslumbra o mundo.

Os patriarcas, os pais da independência americana, como lhes chama o reconhecimento filial do povo, tinham a mais nítida intuição de que a cultura da alma humana é o primeiro elemento, não só moral, como econômico e político da vida de um Estado.

RUI

(Especial para «CULTURA»)

*Gigante dos maiores que ha existido
Entre os gênios mais rútilos do mundo...
De cultura vastissima, profundo
Poliglota e filósofo garrido...*

*Assombro literário hiperfecundo...
Dominio de eloquência apeteido...
Polemista e político renhido...
— Glória e Poder o seu sonhar jucundo!...*

*Deus fê-lo um gênio de immortalidade!...
No entanto, ô Rui, ô, que fatalidade!...
Malbarataste-lo, impio, contra a Igreja!...*

*Separastes a Igreja do Estadô:
E tudo no Brasil foi laicizado!...
— Rui, que legião de estrelas vos bafêja?...*

Padre José de Albuquerque

Marquês de Valença, 1949.

Washington, na sua primeira mensagem anual ao Congresso, advertia-o de que «a instrução, em todos os países, é a base mais estável da prosperidade pública».

Sociais de Novembro

- Dia 2 — Paulo Gustavo Monteiro Bruno
3 — Adolfo Carlos Wick
5 — Flávio Gonçalves de Oliveira
6 — Carlos Alberto Botelho Ramos, Pedro Barros Madsen e Darnley Leal Moreira
10 — Rubem Augusto Taveira e Luciano Gomes Ribeiro
11 — Luiz Gonzaga Machado
12 — Geraldo Vilela de Barros
13 — Iranyr Marsicano Peixoto
15 — Kleber Porto Silva e Klinger Monteiro
16 — Carlos José Fluza Chauvin
20 — Mauricio Ferreira de Menezes
21 — Antonio de Oliveira Monteiro
24 — Gerdal Enoch Guimarães Garcia
35 — Dullio Guarini
26 — Renato Fernandes Jordão, José Ja-

(Conclui na 4a. página)

Este Ruy !...

CATÃO DE ARARIPE

Pedi-me o Diretor de «Cultura» que escrevesse algo sobre Ruy Barbosa, neste número, em que se comemora seu centenário de nascimento. A princípio, pensei num artigo de fundo, grave, massudo, num estudo sumário da vida e obra deste, sem dúvida, maior dos brasileiros. Mas como é difícil escrever sobre Ruy! Jurisconsulto e filósofo, ele defendeu, em Haia, o direito dos «pequenos», e escreveu a Réplica contra a crítica, que lhe fizera um seu ex-professor, ao projeto do Código Civil ou da Constituição ou ao não sei que lá mais. Mas que entendo eu de Constituições, de Códigos, de Direito de «pequenos» ou de Réplica? São assuntos para doutos e letrados e eu aprendi de meu finado pai, homem entendido em assuntos de caçada, que «em festa de macuco, nhambú não pia».

Ponho, pois, minha viola no saco e escrevo o que sei e o de que entendo. O que me ficou na cabeça, a respeito de Ruy, foram as histórias, que velhos mestres me ensinaram, quando eu andava aí pelos meus oito ou nove anos.

O Abdon Dantas, por exemplo, rapazola almofoadinha, de bigodinho «á la imbecil» professor de matemática, cheio de vento e de números, tinha uma «fobia doída» pelo nosso Heroi. Sentia-se satisfeito com a derrota do «Baiano» e a vitória do Epitácio. Ruy perderá, perderá com toda sua Haia, com suas constituições e códigos, com sua cabeça descomunal plasmada na contradição do seu corpo magro e esquelético, depois de recusar, por ambição, por desmedida ambição do poder, representar novamente o Brasil, na Europa. O Epitácio aceitara a missão e fôra eleito. «E o Epitácio ganhou e o Baiano perdeu», gloriava-se ele. O Abdon era perverso!...

O Waldemar, (se me lembro dele!) professor de escrituração mercantil, lêo que nem onça, óculos de tartaruga, última moda, perfumado, metido a grande, ilustre formado que «não se passava» a namorar provincianas», contava-nos outra que «nada tinha a ver com o peixe». Dizia-nos ele que tendo o Ruy contratado um parecer com a «Light» por cem contos de réis (assunto muito a gos-

to do ex-ministro e atual senador José Américo), teve ganha a sua causa. Triunfante a Companhia, seu Diretor no Rio, extraiu nada menos que quatro cheques de igual quantia, pô-los dentro de um envelope e levou-os á residência do grande Causidico.

Estando o mesmo ausente, sua esposa, ao passar o recibo, objetou que «a «Light» podia pagar mais um pouquinho, pois o Ruy trabalhou tanto!...»

Melindrado, o homem perguntou-lhe á queima roupa: — Quanto acha a Sra. que a Companhia devia pagar? — Duzentos contos.

— Duzentos contos?... E o canadense rasgou o envelope, tirou-lhe dois cheques, guardou-os no bolso e, com um sorriso irônico e um amavel «muito obrigado» entregou á «Madame» o envelope com o restante. E o Waldemar terminava com um satânico sorriso a iluminar-lhe a cara, dizendo-nos que era por isto que ele não se casava. Estas mulheres!...

De todos, porém, lembro-me muito do velho Dr. Madeira. Límpo, asseiado, barba bem escanhoada, cabelos grisalhos, bigode branco bem aparado, irradiando alegria e entusiasmo, bom, simples, maneiroso, cheio de ciência e de erudição, o Dr. Madeira não possuía a empáfia nem a ignorância do Abdon e do Waldemar.

Solteirão inveterado, gastava a fortuna dos 150\$000 que ganhava, fazendo esmolas ou presenteando a Maria Luiza, professora quarentona, a quem ele muito admirava «pelo saber e talento» somente.

«Somente», grifava ele com um cândido sorriso velhaco.

O Dr. Madeira era querido. Suas aulas tinham o sabor de tudo que uma criança ambiciona no gênero e suas lições nós a bebíamos palavra e palavra.

Ele era nosso professor de português. O livro adotado era «Histórias de nossa terra», de Júlia Lopes de Almeida.

O Dr. Madeira já entrava na aula de livro aberto, cheio de «orgulho» e de entusiasmo e, no rosto, um sorriso que inundava a face azulada e a nós nos enchia do seu espírito jovial, e começava: «... A lingua portuguesa

O Dia das Missões

Penúltimo domingo de outubro

Como em anos anteriores, os alunos do Colégio Valenciano São José não esqueceram seu dever de católicos e filhos devotados da Santa Igreja, juntando suas orações e seu óbolo às orações e esmolas que, na Cruzada pela conversão do mundo infiel, constituem a melhor contribuição e preparação para a grande festa de Cristo Rei.

Apelamos, mais uma vez, aos generosos e piedosos sentimentos dos alunos, a fim de que procurem despertar em seus familiares, amigos e conhecidos, este dever de solidariedade cristã e humana, para que o apêlo do Santo Padre encontre acolhimento favorável em todos os corações católicos.

Grande honra importa para nós o podermos cooperar, o sermos instrumentos de Deus na evangelização do mundo infiel. Que ato maior de caridade, que prova maior de amor poderemos oferecer aos que vivem nas trevas do paganismo do que levar-lhes a luz da fé e do amor ao único e verdadeiro Deus.

Peçamos fervorosamente a Deus que aumente, cada dia, o número dos que escutam o assobio paternal do Bom Pastor, venham reunir-se aos que por uma graça especialíssima formam parte do redil de Cristo.

é a mais bela expressão da inteligência humana». «...Falar bem a própria não é uma prenda, é um dever. Cumprí-o».

Depois falava-nos dos mestres: de Maximino Maciel, de Silva Ramos, de Carlos Pereira, de Carlos de Laet, de Ruy, da Réplica Gostava muito de análise.

Certo dia, ao fazer uma análise notou que um aluno brincava. Tratava-se de um verbo. -- Você aí, Pistolega, que é? mudou de aluno. -- Adjetivo qualificativo, Dr. Madeira. -- Adjetivo? Bravos, Pistolega, bravos!

E, a propósito contava-nos: Meus caros, Ruy Barbosa foi um destes gênios como o Pistolega. Certa vez, estava êle distraído, em classe, enquanto o professor analisava a palavra «Aqui».

-- Que é, seu Ruy? inquiriu o mestre.

-- É verbo, professor.

-- Verbo? Então conjugue o Indicativo Presente.

A êste tempo, admoestado por um companheiro e percebendo o êrro em que caíra, Ruy não se abala e calmo e corajosamente, como se tivesse o maior certeza do mundo, continuou:

Eu aqui	Nós no meio
Tu ali	Vós adiante
Êle acolá	Êles atrás

Não sei como tenha terminado a aula lá na Baía, mas a nossa, a do meu velho e saudoso Prof. Madeira terminou alegre, cheia de vida e de encantos, interrompida pela sineta imperti-

nente, para ficar repicando em festa na memória de nossas almas infantis.

Êste Ruy!...

Sociais de Novembro

Continuação da 3a pag.

cyr de Menezes e Celso Moreira Veiga.

27 -- Waltuyr Duque de Moraes e Narciso Telles de Souza.

28 -- Luiz Antonio Flutt e Vicente Carmelo Amedeu.

Completará mais um aniversário em 17 do próximo mês, o professor e secretário deste Colégio, Sr. Geraido Neves Medeiros.

CULTURA apresenta especiais felicitações.

Vamos chorar!??

Era véspera de prova. Precisando certo aluno de colar a capa de seu caderno, dirigiu-se a um companheiro afim de pedir-lhe um pouco de cola. Êste, meio distraído, responde com um ar boudoso: Pois não, colega, de que matéria?

...

Na recente excursão à Angra dos Reis, o Tarzan levou para representar a nossa delegação alguns componentes da nossa fauna: O rato-branco, o Paca e o lagarto.

Depois vem a do Kleger Duque que me perguntou, se o "Fim do Mundo" ia ser filmado.

* * *

Acaba de chegar a este Colégio um novo brigão, o conhecidíssimo "Chachá".

Vocês não acham que isto está ficando muito chá... chá... to?

* * *

O Célio parece ser um bom católico, principalmente no fim do ano. A todo momento éle pronuncia:

Padre Nosso, Ave Maria
"10" em História, 9 em Geografia

Organizado pelo aluno

Antônio Paulo Basbus

RUI BARBOSA

Aos 5 de Novembro de 1849 nascia na Capital da Baía um dos maiores vul. os da pátria brasileira, por seu saber, inteligência e, sobretudo, dotes de grande orador, talvez o maior do mundo, desde a Conferência da Paz realizada em Haya em 1907 o que lhe valeu o nobre título de "A Águia de Haya".

Era filho de João Barbosa e de D. Maria Adélia Barbosa.

Rui desde cedo mostrou grande inteligência e desejo pelos livros. Frequentou com a idade de 10 anos o "Ginásio Baiano" onde aprendeu além das matérias ensinadas, a distinguir entre seus colegas, os bons e os máus, afinal, como é o mundo.

Ao terminar o curso de Humanidade coube-lhe a honrosa missão de fazer o discurso de encerramento, a qual desempenhou com grande habilidade e como prêmio recebeu uma medalha de ouro causando-lhe a maior emoção de sua vida. Após o curso de Humanidade, Rui, ingressou na faculdade de Direito em Recife. Em 1870 bacharelou-se em Direito.

Nesta época a Advocacia não oferecia vitórias rápidas e Rui teve que lutar algum tempo para alcançar algum êxito. Pela primeira vez que apareceu em juri, para defender uma pobre moça ludibriada por um rico, brilhou, por sua grande capacidade jurídica, o que lhe trouxe uma boa reputação. Por esta época vieram os amores de Rui, que não agradaram a seu pai, pelo contrário. Mas uma arrogada força de vontade fez com que éle terminasse o romance.

Em 1868, Rui foi escolhido para dirigir o "Diário da Baía", este cargo foi aceito com enorme satisfação, pois éle amava o jornalismo.

Certa ocasião em conversa com alguns amigos Rui Barbosa deixou escapar de seus lábios a seguinte frase: "a injustiça por infima a creatura vitimada, revolta-me transmuta-me, incendeia-me, roubando-me a estima pela vida." Eis a razão da sua luta pela libertação dos escravos.

Este nobre patriota também foi vítima do exílio político no governo do Marechal Floriano Peixoto. Após 1 ano de exílio retornou ao Brasil, reiniciou a sua carreira política que tanto amava. Rui, por duas vezes, foi candidato à presidência da República, mas a sorte não lhe sorriu e foi derrotado.

Em 1907, foi realizado, em Haia, no palácio Bidehof a segunda Conferência da Paz. Como todas as nações, o Brasil enviou Rui Barbosa como seu representante. Que iria arranjar aquêle minúsculo «Tico-Tico» entre as garras dos representantes das grandes nações? Deu-se o contrário do que se esperava. Rui chegou a deixar suspenso todos os conferencistas. Eis o seu talento. A sorte, como nunca, lhe sorriu levando p ao píncaro da Glória. E no dia 18 de outubro de 1907, regressava à Pátria, não o franzino «Tico-Tico» mae a «Águia de Haia» trazendo nas garras glórias para o Brasil. É justo, pois, comemorarmos com todas as honras, o centenário do nascimento dêste grande e ilustre brasileiro.

Jeduno Oliveira Cunha

Indiscrições da televisão

Suponhamos um aparelho que nos permitisse captar coisas de qualquer parte do colégio.

Giremos o dial. Faixas brilhantes se cortam na tela. Aos poucos vão se condensando e repentinamente formam uma nítida imagem. Vemos um aluno que procura equilibrar um quadro negro um tanto bambo em suas três pernas, enquanto um professor lhe dita um problema.

— Mas como não estudou, se isso é fundamental no campo da Física?

— Cairão problemas assim tão difíceis no vestibular? torna o aluno.

— A minha opinião é a seguinte: O vestibular é um milhão de vezes mais difícil: de mil candidatos passa um.

Ouve-se um assobio. É o operador que

torna a girar o dial. As imagens se embaralham e novamente surgem.

Agora a sala é maior e tem mais alunos. Parece aula de química pela quantidade de frascos e retornas que cobre a "mesa pia".

É arguição!

— O sr. quer ter a bondade de me dizer se o sr. lembra de um composto químico que contém carbono, oxigênio e cálcio? pergunta o professor.

— ???

— Talvez eu não tenha me expressado bem. Vou ajudá-lo: é o carbonato de cálcio...?

— Cãô! Diz o aluno.

— Muito bem! E' dez.

— Obrigado agradece o aluno.

— Obrigado pelo seu obrigado torna o professor.

As miragens se confundem como a superfície da água, à qual se atirou uma pedra.

Altos brados entrecortados por muros na mesa ferem agora os nossos ouvidos:...

... "e, da luta entre o latim vulgar e o dialeto da península nasceu o romance,..."

— Composição como Machado de Assis vale dois, como Euclides da Cunha três, como eu! dez.

— Passemos para o Ginásio.

— Chiiiiit! Está? Então vamos!

... "a espuma franja-lhe a boca",...

... "ó tu que tens de humano o gesto e o peito..."

... "então eu levei a espingarda ao ombro e... pum! Atravessei com uma bala as cinco rolinhas."

Eis que se muda a cena: o professor está escabelado e diz:

Lá trãsh! Está certinho meshmo. E' desh meshmo.

Agora, o silêncio é profundo e a atenção concentrada.

— Escreva um ê, manda o professor. O aluno novato, desconhecedor das particularidades do sotaque obedece.

— Non é un né é un ê.

— Habere! Há que escutar melhor! Non é un œ, é un ê.

— Outra rata.

— Pode sentar-se. Non sabe nem escrever un né.

Pelo aspecto, estamos no estudo.

No quadro uma bonita frase a respeito dos benefícios do silêncio ou da virtude de não se jogar papel no chão.

A aplicação é completa e todos estão ocupados. Mas vejamos mais de perto: que dedicação este aluno demonstra para a História... em quadrinhos.

Deve conhecer detalhadamente toda a vida gloriosa do Espitão Marvel e sua família!

Bem, mas este aqui tem um livro de matemática aberto nas equações do 2º grau e está inclinado para ele há uns 5

minutos sem se mover sequer. Também pudera, está dormindo plácidamente.

Mas, que ruído é esse?

E' o inspetor e parece zangado.

— "Mas é uma mentalidade negra que provoca este barborinho, esta inquietação, vira prá cá, vira prá lá, arrasta os pés... é um perfeito horrôôôôô!"

Agora a tela está mais clara. Estamos no recreio. Vejamos o que se diz naquele grupo:

— Mas o Maneco é maior!

— Té besta velhinho o Orlando é bem maior!

— Não adianta, é o Ademir e pronto acabou-se!

Nem precisamos olhar, já sabemos que são o Lorena, o Aldo e o Frazão.

Mais além o Lira, o Cesar e o Wallace discutem acaladamente as regras de Basket.

Quem serão esses dois que comentam

com tanta preocupação as provas que se avizinham?

Oh! logo vi, Déde e Azevedo.

No Jardim o Lallá, o Loló e o Helinho brincam graciosamente de "morte" enquanto o Bejuin delicia uma regular assistência com uma dissertação a respeito das célebres frases de Rui Barbosa em Haya.

Bem, mas já devem ter percebido o perigo que representa este aparelho e chegaram, como eu, à conclusão que é-le não pode continuar existindo.

E' pena ter que se destruir uma invenção tão notável. Mas as circunstâncias obrigam. Imaginem se ela cai nas mãos da diretoria: A renda da matinde e da sorveteria aos domingos cairá 50%.

Mas não se esqueçam que eu sou um simples observador. Para maiores explicações e satisfações procurem o

INVENTOR INDISCRETO

Nossa excursão a Angra dos Reis.

O Sol que há tantos dias se escondia por traz de densas nuvens com suas respectivas cargas de água, pareceu compreender o empenho que os alunos faziam naquele passeio e, logo pela manhã de sábado, deu um ar de sua graça.

Partimos à 1 hora da tarde com destino a Vassouras onde tomaríamos um ônibus especial.

O dia bonito e as perspectivas agradáveis da viagem, influíram no ânimo dos alunos e foi em um ambiente da mais completa alegria que transcorreu todo o trajeto.

Quando faltavam 15' para as 3 horas partimos de Vassouras no afamado J. M. C. de 42 lugares, tão falado pelo Pombinha, que trazia adiante da legenda: lotação, o nº 28. De qualquer maneira nos ajeitamos e lá fomos rumo a Angra.

No meio da algazarra ensurdecadora da bateria e do cõro geral, o Chupeta contava horrores a respeito de uma tal variante, terror dos viajantes, enquanto o Chicuba, com a cabeça entre as grades da janela «apreciava» a linda paisagem.

Na variante, tivemos que descarregar latas de 50kg de um caminhão que não aguentava subir e obstruía a estrada. Sem maiores contratempos, chegamos em Angra às 8 horas.

Fomos recebidos pelo diretor do Ginásio Angrense e por vários alunos. No dia seguinte, após a missa e umas voltas pela cidade nos dirigimos ao campo de futebol para a primeira partida do dia.

Eram 9,45 quando trilou o apito do juiz dando a saída.

O jogo transcorreu dentro de um equilíbrio de ações equiparando-se os dois times na parte técnica. Não houve incidentes graves a lamentar e se um ou outro se excedeu um pouco no rigor das jogadas pode-se justificar, levando-se em conta a afã com que todos buscaram a vitória.

Os angrenses abriram a contagem aproveitando-se de uma falha de Homero aos 18' do primeiro, tempo por intermédio de Êzio.

Aos 28' da segunda etapa elevaram para 2 goal marcado por Caruso. Péricles marcou o nosso tento de honra cobrando um penalty aos 35'.

Consta que o time do Ginásio Angrense não era formado exclusivamente por alunos daquele educandário mas ha que se levar em conta que o n° não muito grande de seus alunos não permitiria formar um quadro em condições de sustentar uma partida equilibrada.

O placard 2x1 foi o reflexo justo de uma vitória indiscutível que sorriu ao quadro que melhor se aproveitou dos arremates finais.

A tarde, foram realizadas as partidas de volley e de basket.

O volley foi disputado com grande entusiasmo e se caracterizou por jogadas sensacionais que fizeram vibrar a torcida. Os locais venceram o primeiro set por 15x10, o 2º nos foi favorável por 15x9 e a "negra" se decidiu para os nossos adversários por 15x13.

No basket o nosso time começou bem e chegou a obter vantagem no n° de pontos mas a falta de sorte e a falta de reservas provocaram um desânimo geral e o time de Angra dominou todo o resto da partida vencendo merecida e brilhantemente pela contagem de 48x23.

Infelizmente, não nos foi possível trazer de Angra uma vitória par. o nosso Colégio mas não nos entristecemos, com isso, uma vez que perdemos para um adversário de valor com um resultado justo. O mais importante é que tenham sido atingidos os objetivos principais desta excursão, tais sejam, um passeio instrutivo e divertido e, principalmente, o estreitamento dos laços de amizade que unem o Colégio Valenciano ao Ginásio Angrense.

Cumpre ressaltar aqui a gentileza e a hospitalidade de que todos fomos alvo em todos os momentos que passamos na tradicional cidade. Tanto por parte das famílias de nossos colegas que nos hospedaram como por parte dos alunos e professores do Ginásio, a recepção que nos foi dispensada ultrapassou as nossas expectativas.

Melhor não poderia ser o tratamento a nós dispensado mas esperamos poder retribuir, em futuro bem próximo, todas essas atenções e amabilidades quando tivermos a honra de receber em nossa cidade uma embaixada do nobre povo de Augra dos Reis.

Salve, o Onomástico do Diretor!

São garbos, são pompos, são festas e cantos
São flores e palmas, alegre sorriso...
Nas salas, na igreja, por todos os cantos
Somente ventura nos olhos divinos...

Por que, qual a causa, o motivo, a razão,
De tantos folguedos nos peitos dos moços?
Toma! sem escolha, qualquer coração
Que o Hino que está se funde com os nossos...

Feliz nome Bapo, que é bom patriota
Mandando o Colégio fazer esta dançã...
Lição de civismo foi esta que adota
Firmando esta festa o futuro peccatã...

Oh! Não, este mundo perdido não está
Flameja a esperança, ouça a beidade...
Há bravos, há moços, heróis haverá
Enquanto na Pátria houver a Autoridade!

Desgraça das Terras, das Pátrias, dos Povos
Sepultos nos Humens a honra e o valor...
O céu já rugira se as mentes dos novos
Morresse pra os Menores carinho e amor!

Mas eis, que em Valença e nos céus do Brasil
No mundo universo e nas vivas nações
Nós vemos que vibra no ardor juvenil
Respeito sagrado às crias tradições!

Foi Cristo, Senhores, alunos e amigos,
Que exemplo divino nos deu a limitar...
Bondades ou males, gentis ou inimigos
A todo Poder Ele quis acastellar!

A Virgem Maria, a José carpinteiro,
Despótico Herodes, algózes malvados...
Pregando às Nações ou pregado ao Muleiro
A todos que mandam quer ver, respeitados!

Pois é nesta escola que é humana e é divina
Que é a base e que é a fibra da Sociedade...
Que aqui no Colégio, a vós Alôcos, se ensina
Que é culto de Deus, vida a Autoedificação!

Não tenteis, Senhores, pregar-vos sermões
Que a hora é de almoço, de brinde e hinos...
Mas neste improviso se alçam em flores
Menores e Médios, os grandes e os Meninos...

São vivas, são glórias, foguetes de afeto
São brados e júbilos de filhos e pais...
Por vida esta casa dos pais ao teu
Somente se escuta: Ao bom chefe saudade!

E salve, ó Onomástico, Senhor Diretor!...
Sois sábio, eis Menor, Prudente e Escimador!
E palmas, mil palmas, a vós, Moçoimhor!
Nos braços dos Alôcos, feliz, festejadoll!

Padre José de ALBUQUERQUE

M. Valença, 12/9/49 — Est. do Rio

Endeixa dúplice de Luís de Camões

Enviadas pelo ex-aluno Dr. J. TAVARES

I

Vois sois uma dama
Das feias do mundo
De toda má fama
Sois cabo profunão

II

A vossa figura
Não é para ver
Em vosso poder
Não ha formosura

III

Vós fostes dotada
De toda a maldade
Perfeita beidade
De vós é tirada

IV

Sois muito acabada
De tacha e de glosa
Poiz quanto é formosa
Em vós não ha nada.

V

De bom merecer
Sois bem apartada
Andais alongada
Do bem parecer

VI

Bem claro mostrais
Em vós fealdade
Não ha é maldade
Que não precedais

VII

De fresco carão
Vos vejo ausente
Em vós é presente
A má condição

VIII

Em ter perfeição
Mui alheia estais
Mui muito alcançais
De pouca razão

Leia primeiro os versos na ordem da endeixa depois ligue o primeiro verso da primeira quadra com o primeiro da 5a. e assim sucessivamente.

Informações diversas

De acôrdo com o noticiário constante do jornal «O Xuantifico» órgão dos alunos do 2º ciclo deste estabelecimento, o aluno da 3a. série, Xuaquim de Souza, mereceu por uma reprodução da famosa Venus de Milo, medalha de «couro» e uma viagem a «Chacrinha».

Também o aluno da mesma série, Luciano Gomes, de grande capacidade artística, mereceu, por um gráfico sobre a influência do negro na economia brasileira, grandes elogios do respeitivo professor, assim como a honrosa distinção de «Summa cum laude» atribuída ao seu genial trabalho.

Consta do mesmo jornal que, na excursão realizada a Angra dos Reis, os angrenses, que parece são bons paleontólogos, confundiram um dos componentes com o famoso «Pitecantropus Erectus de Dubois». O aluno muito satisfeito comentava com os colegas: Que glória!

Sentença

Quando vires um homem bom,
procura imitá-lo, e quando vires um
homem mau examina teu coração.

Confucio

Centenário de Rui Barbosa

O Colégio Valencino São José associando-se ao movimento cívico-cultural despertado pela comemoração do centenário de nascimento do grande tribuno e pensador, figura impar das letras nacionais, RUI BARBOSA, celebrou no dia 28 do corrente, em seu salão Auditório, uma solene sessão física - literária com a participação de professores e

alunos. Usaram da palavra, exaltando os valores do eminente polígrafo, os Revmos. Padres Francisco de Luna e José de Albuquerque e o aluno Jesuino Olivio da Cunha.

Que o exemplo de laboriosidade, de amor ao estudo e de amor à pátria desperte em nossos jovens o mesmo entusiasmo e dedicação que grande mestre teve pelo saber.

Composto e impresso

na

Tipografia Coração Imaculado de Maria

(Círculo Operário)

Praça Visconde do Rio Preto, 128

M. Valença

E. do Rio